

rainha vermelha

victoria aveyard

Tradução de Teresa Martins de Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*À Mamã, Papá, e Morgan, que queriam saber o que
acontecia a seguir, mesmo quando eu não queria.*



CAPÍTULO UM



O deio a Primeira Sexta-Feira. Deixa a aldeia apinhada, e agora, no pino do calor do verão, isso é a última coisa que se deseja. No meu lugar à sombra não é assim tão mau, mas o fedor dos corpos, todos suados do trabalho matinal, é o bastante para fazer leite coalhar. O ar vibra de calor e humidade e até as poças da tempestade de ontem estão quentes, com redemoinhos irisados de óleo e gordura.

O mercado esvazia-se, com toda a gente a fechar as suas bancas por hoje. Os mercadores estão distraídos, descuidados, e é-me fácil tirar tudo o que quero das suas mercadorias. Quando me dou por satisfeita, os meus bolsos estão a abarrotar de bugigangas e tenho uma maçã para o caminho. Nada mau para uns minutos de trabalho. À medida que a massa de gente se move, deixo-me levar pela corrente humana. As minhas mãos dardejam para lá e para cá, sempre em toques fugidios. Umas quantas notas do bolso de um homem, uma pulseira do pulso de uma mulher — nada de muito valor. Os aldeãos estão demasiado ocupados a abrir caminho para darem por uma larápia entre eles.

Os edifícios altos sobre estacas que dão nome à aldeia (as Stilts¹, que original) elevam-se a toda a nossa volta, três metros acima do solo lamacento. Na primavera a margem inferior fica debaixo de água, mas por ora estamos em agosto, quando a desidratação e insolação alastram na aldeia. Quase toda a gente anseia pela Primeira Sexta-Feira de cada mês,

¹ Estacas ou andas, em português. (N. da T.)

quando o trabalho e a escola acabam cedo. Mas eu não. Não, eu preferia estar na escola, a nada aprender numa sala de aulas cheia de crianças.

Não que vá ficar muito mais tempo na escola. O meu décimo oitavo aniversário aproxima-se e, com ele, o recrutamento. Não sou aprendiz de ofício nenhum, não tenho emprego, pelo que vou ser mandada para a guerra como todos os outros *ociosos*. Não admira que não sobre trabalho, com cada homem, mulher e criança a tentar manter-se ao largo do exército.

Os meus irmãos foram para a guerra quando completaram dezoito anos, todos os três enviados a combater os Lakelanders². Apenas Shade sabe escrever umas palavras, e envia-me cartas quando pode. Não tenho notícias dos meus outros irmãos, Bree e Tramy, há mais de um ano. Mas falta de notícias são boas notícias. As famílias podem passar anos sem ouvir o que seja, para no fim darem com os seus filhos e filhas especados na soleira da porta, de licença em casa ou por vezes abençoadamente dispensados. Mas em geral recebe-se uma carta de papel grosso, estampada com o selo da Coroa Real abaixo de um curto agradecimento pela vida do filho. Talvez se receba até uns quantos botões arrancados dos seus uniformes rasgados e desfeitos.

Eu tinha treze anos quando Bree partiu. Beijou-me na face e deu-me um único par de brincos para partilhar com a minha irmã mais nova, Gisa. Eram pendentes com contas de vidro, do tom rosado do pôr do sol. Furámos nós próprias as orelhas nessa noite. Tramy e Shade mantiveram a tradição quando se foram. Agora, eu e Gisa temos ambas uma orelha com três pedrinhas mínimas a lembrarem-nos dos nossos irmãos combatendo algures. Eu não acreditava mesmo que eles tivessem de ir, não até o legionário aparecer com o seu lustroso uniforme e os levar um após o outro. E este outono, virão buscar-me a mim. Já comecei a poupar — e roubar — para comprar a Gisa uns brincos quando me for.

Não penses nisso. É o que a mamã diz sempre, quanto ao exército, quanto aos meus irmãos, quanto a tudo. *Grande conselho, mamã.*

Ao fundo da rua, no cruzamento dos caminhos do Moinho e do Marchante, a multidão avoluma-se e mais aldeãos se juntam à marcha. Um bando de miúdos, ladrõezinhos a treinar, perpassa pela confusão com dedinhos viscosos e exploradores. São demasiado novos para o fazer bem, e os oficiais de Segurança apressam-se a intervir. Regra geral

² Lacustres, ou habitantes das Terras dos Lagos — Lakelands. (N. da T.)

os miúdos seriam enviados para o tronco ou para a cadeia na esquadra, mas os oficiais querem assistir à Primeira Sexta-Feira. Contentam-se em dar aos cabecilhas umas boas palmadas antes de os deixarem ir. *Pequenas mercês.*

Uma ligeiríssima pressão na minha cintura faz-me rodar, agindo por instinto. Agarro a mão suficientemente tola para me roubar, apertando-a com força para que o pequeno diabrete não se possa escapar. Mas em vez de um miúdo magricela, dou comigo a fitar um rosto de sorriso malandro.

Kilorn Warren. Aprendiz de pescador, órfão de guerra, e provavelmente o meu único amigo a valer. Costumávamos andar à luta em crianças, mas agora que somos mais velhos — e ele é trinta centímetros mais alto que eu —, tento evitar discussões. Ele tem a sua utilidade, suponho eu. Alcançar prateleira altas, por exemplo.

— Estás a ficar mais rápida. — Solta uma risadinha, sacudindo-me a mão.

— Ou tu estás a ficar mais lento.

Ele revira os olhos e tira-me a maçã da mão.

— Estamos à espera da Gisa? — Dá uma dentada no fruto.

— Ela tem um passe para o dia. Trabalho.

— Então ponhamo-nos a andar. Não quero perder o espetáculo.

— Que tragédia seria.

— Tch tch, Mare — brinca ele, abanando um dedo para mim. — Isto é supostamente uma diversão.

— É *supostamente* um aviso, seu tolo idiota.

Mas ele afasta-se já com as suas largas passadas, forçando-me a quase correr para o apanhar. O seu andar bamboleia, desequilibrado. *Pernas de marinheiro*, chama-lhes ele, conquanto nunca tenha saído para o alto-mar. Calculo que longas horas no barco de pesca do seu mestre, mesmo no rio, tenham de ter o seu efeito.

Tal como o meu, o pai de Kilorn foi enviado para a guerra, mas enquanto o meu regressou sem uma perna e um pulmão, o Sr. Warren voltou numa caixa de sapatos. A mãe de Kilorn fugiu logo depois, deixando o filho pequeno entregue a si próprio. Quase morreu à fome, mas mesmo assim continuou a armar brigas comigo. Alimentei-o para não ter de desancar um monte de ossos, e agora, dez anos depois, aqui está ele. Pelo menos é aprendiz e não terá de enfrentar a guerra.

Chegamos ao sopé do monte, onde a multidão se avoluma, empurrando e dando cotoveladas para todos os lados. É obrigatório assistir à Primeira Sexta-Feira, a menos que se seja, como a minha irmã, um «operário essencial». Como se bordar seda fosse essencial. Mas os Prateados adoram as suas sedas, não é? Até os oficiais de Segurança, uns quantos pelo menos, podem ser subornados com peças cosidas pela minha irmã. Não que eu seja para aí tida nem achada.

As sombras à nossa volta adensam-se enquanto subimos os degraus de pedra, rumo ao cimo do monte. Kilorn galga-os aos dois de cada vez, quase me deixando para trás, mas detém-se à minha espera. Lança-me um sorriso malandro e afasta dos olhos verdes uma madeixa de cabelo fulvo desbotado.

— Às vezes esqueço-me de que tens as pernas de uma criança.

— Antes isso que cérebro de criança — retruco de volta, dando-lhe um beijo ao de leve na face ao passar. A sua risada segue-me escadas acima.

— Estás mais rabugenta que de costume.

— Simplesmente odeio estas coisas.

— Eu sei — murmura ele, solene para variar.

E então já estamos na arena, o sol brilhando escaldante acima de nós. Construída há dez anos, a arena é com toda a certeza a maior estrutura das Stilts. Nada é comparada com os colossais edifícios das cidades mas, ainda assim, os elevados arcos de aço, as centenas de metros de betão, bastam para fazer sustar o fôlego a uma rapariga de aldeia.

Há oficiais de Segurança por todo o lado, os seus uniformes pretos e prateados destacando-se na multidão. É a Primeira Sexta-Feira e eles mal podem esperar para assistir ao que se segue. Estão armados de longas espingardas ou pistolas, embora não precisem delas. Tal como é costume, os oficiais são Prateados e os Prateados nada têm a temer de nós, Vermelhos. Toda a gente o sabe. Não somos seus iguais, embora isso não seja aparente ao olhar para nós. A única coisa que serve para nos distinguir, pelo menos exteriormente, é a postura alta e ereta dos Prateados. Nós temos as costas vergadas pelo trabalho e esperança vã, e inevitável desapontamento pelo que nos coube em sorte.

Dentro da arena a céu aberto está tanto calor como lá fora e Kilorn, sempre alerta, conduz-me para uma sombra. Nós aqui não temos assentos, apenas longos bancos de betão, mas os poucos nobres Prateados lá

em cima desfrutam de camarotes frescos e confortáveis. Aí têm bebida, comida, *gelo* mesmo no pino do verão, cadeiras almofadadas, luzes elétricas e outros confortos de que eu jamais gozarei. Isto nem um piscar de olhos merece aos Prateados, que se queixam das «condições ignóbeis». Eu lhes darei uma condição ignóbil, se oportunidade tiver. Tudo o que temos são bancos duros e uns quantos ecrãs de vídeo estridentes quase demasiado brilhantes e ruidosos para se suportar.

— Aposto contigo um dia de salário que hoje temos outro *strongarm*³ — diz Kilorn, atirando o núcleo da maçã para a arena.

— Nada de apostas — disparo de volta. Muitos Vermelhos apostam os seus ganhos nas lutas, esperando ganhar uma pequena quantia para os ajudar a viver mais uma semana. Mas não eu, nem sequer com Kilorn. É mais fácil cortar a bolsa do corretor de apostas do que habilitarmo-nos a ganhar dinheiro dela. — Não devias desperdiçar assim o teu dinheiro.

— Não é desperdício se acertar. É *sempre* um *strongarm* a espancar alguém.

Os *strongarms* perfazem em geral metade dos combates, as suas técnicas e aptidões mais adequadas à arena do que as de praticamente qualquer Prateado. Parecem deleitar-se com isso, usando a sua força sobre-humana para arremessar outros campeões para cá e para lá, quais bonecas de trapos.

— E então o outro? — pergunto, pensando na gama de Prateados suscetíveis de aparecer. *Telkies, swifts, nymphs, greenys, stoneskins*⁴ — todos eles horríveis de ver.

— Não sei bem. Esperemos que seja algo fixe. Apetece-me diversão.

Kilorn e eu não vemos mesmo com os mesmos olhos as Façanhas da Primeira Sexta-Feira. Para mim, ver dois campeões a fazerem-se em frangalhos não é coisa aprazível, mas Kilorn adora-o. *Deixá-los desfazerem-se*, diz. *Não são dos nossos*.

Ele não percebe de que tratam as Façanhas. Não é entretenimento bruto, destinado a dar aos Vermelhos uma folga do trabalho extenuante. É calculado, frio, uma mensagem. Só os Prateados podem combater nas arenas porque só um Prateado pode *sobreviver* à arena. Lutam para nos mostrar a sua força e poder. *Vocês não estão à nossa altura. Nós somos*

³ Braço forte ou braço de ferro. (N. da T.)

⁴ Portentos, velozes, ninfas, verdinhos ou esverdeados, peles de pedra ou empedernidos, respetivamente. (N. da T.)

superiores. Nós somos deuses. Está escrito em cada golpe sobre-humano que os campeões desferem.

E têm absoluta razão. Na semana passada vi um *swift* lutar contra um *telky* e, conquanto o *swift* se movesse mais rápido que a vista, o *telky* inutilizou-o. Apenas com o poder da sua mente, levantou o outro combatente acima do chão. O *swift* começou a sufocar; julgo que o *telky* teria algo invisível a apertar-lhe a garganta. Quando a cara do *swift* ficou azul, terminaram o desafio. Kilorn deu vivas. Tinha apostado no *telky*.

— Senhoras e senhores, Prateados e Vermelhos, bem-vindos à Primeira Sexta-Feira, à Façanha de agosto. — A voz do apresentador ecoa em redor da arena, ampliada pelas paredes. Soa enfadado, como de costume, e não o censura.

Outrora, as Façanhas não eram desafios de todo, mas execuções. Prisioneiros e inimigos do Estado eram transportados para Archeon, a capital, e mortos diante de uma multidão de Prateados. Julgo que os Prateados gostaram, e os desafios começaram. Não para matar mas para entreter. Depois transformaram-se nas Façanhas, e alastraram às outras cidades, a diferentes arenas e diferentes audiências. A seu tempo, os Vermelhos foram autorizados a assistir, confinados a lugares baratos. Não tardou que os Prateados construíssem arenas por todo o lado, mesmo em aldeias como as Stilts, e o espetáculo passou de dádiva a obrigatória maldição. O meu irmão Shade diz que foi porque as cidades com arena gozaram de uma acentuada redução nos crimes praticados por Vermelhos, dissidência e até nos poucos atos de rebelião. Agora os Prateados não têm de usar execuções, legiões ou mesmo Segurança para manter a paz; dois campeões podem meter-nos medo com toda a facilidade.

Hoje, os dois em questão parecem estar à altura da tarefa. O primeiro a sair para a areia branca é anunciado como Cantos Carros, um Prateado de Harbor Bay, no Leste. O ecrã de vídeo projeta uma imagem nítida e berrante do guerreiro e ninguém precisa de me dizer que se trata de um *strongarm*. Tem braços quais troncos de árvore, retesados de tendões e veias protuberantes sob a pele. Quando sorri, vejo que todos os seus dentes caíram ou se partiram. Talvez se tenha desavindo com a escova de dentes quando era pequeno.

Ao meu lado, Kilorn aclama e os outros aldeãos rugem com ele. Um oficial de Segurança lança um pão aos mais ruidosos pelo trabalho a que se dão. À minha esquerda, um outro estende a uma criança aos gritos

um pedaço de brilhante papel amarelo. Senhas *'Lec* — rações de eletricidade suplementares. Tudo para nos fazer aclamar, para nos fazer gritar, para nos forçar a olhar, ainda que não queiramos.

— Isso mesmo, deixem que ele vos oiça! — diz o apresentador numa fala arrastada, forçando tanto entusiasmo na voz quanto possível. — E aqui temos o seu adversário, diretamente da capital, Samson Merandus.

O outro guerreiro parece pálido e mirrado ao pé do bloco de músculo em forma humana, mas a sua armadura azul de aço é fina e polida até mais não. É provavelmente segundo filho de um segundo filho, tentando ganhar renome na arena. Embora devesse estar assustado, parece estranhamente calmo.

O seu último nome soa familiar mas não é invulgar. Muitos Prateados pertencem a famílias famosas, chamadas Casas, com dezenas de membros. A família que governa a nossa região, Capital Valley, é a Casa Welle, embora eu jamais tenha visto o Governador Welle na vida. Ele nunca a visita mais de uma ou duas vezes por ano e, mesmo então, *nunca* se rebaixa a entrar numa aldeia Vermelha como a minha. Vi o seu barco fluvial uma vez, lustroso com bandeiras verde e ouro. Ele é um *greeny*, e à sua passagem as árvores na margem floresceram profusamente, e do solo rebentaram flores. Achei lindo, até que um dos rapazes mais velhos atirou pedras ao barco. As pedras caíram inofensivamente no rio. Eles puseram o rapaz no tronco mesmo assim.

— Ganha o *strongarm* de certeza.

Kilorn franze o sobrolho ante o pequeno campeão. — Como sabes? Qual é o poder de Samson?

— Que importa? Vai perder de qualquer maneira — troço eu, dispondo-me a assistir.

A usual chamada ressoa por toda a arena. Muitos põem-se de pé, ávidos de espetáculo, mas eu fico sentada em silencioso protesto. Por mais calma que possa parecer, a raiva ferve-me à flor da pele. Raiva e inveja. *Nós somos deuses*, ecoa-me na cabeça.

— Campeões, aprestai-vos.

Eles assim fazem, fincando pé em lados opostos da arena. Não são permitidas armas de fogo nas lutas de arena, pelo que Cantos saca de uma espada curta e larga. Duvido que venha a precisar dela. Samson não apresenta qualquer arma, apenas abrindo e fechando os dedos crispados nos flancos.

Um grave zumbido elétrico percorre a arena. *Odeio esta parte*. O som vibra-me nos dentes, nos ossos, pulsando até me parecer que algo se vai estilhaçar. Termina abruptamente com um agudo repique. *Vai começar*. Exalo.

Parece desde logo um banho de sangue. Cantos arremete como um touro, levantando areia no seu rasto. Samson tenta esquivar-se a Cantos, usando o ombro para contornar o Prateado, mas o *strongarm* é rápido. Agarra na perna de Samson e arremessa-o através da arena como se ele fosse feito de penas. As subsequentes aclamações abafam o rugido de dor de Samson ao colidir com a parede de cimento, mas está-lhe gravado no rosto. Antes que possa sequer esperar levantar-se, já Cantos está em cima dele, içando-o nos ares. Aterra na areia num monte do que só podem ser ossos partidos mas de alguma forma põe-se de novo em pé.

— Será um saco de pancada? — Kilorn ri-se. — Dá-lhe, Cantos!

Kilorn não quer saber de um pão extra ou de uns quantos minutos mais de eletricidade. Não é por isso que aclama. Quer honestamente ver sangue, sangue Prateado, *sangue de prata*, manchar a arena. Não importa que o sangue seja tudo o que nós não somos, tudo o que não podemos ser, tudo o que *queremos*. Ele apenas precisa de o ver e iludir-se a pensar que eles são na verdade humanos, que podem ser lesados e derrotados. Mas eu cá sei. O sangue deles é uma ameaça, um aviso, uma promessa. *Não somos o mesmo e jamais seremos*.

Não fica desapontado. Até os camarotes podem ver o líquido metálico e iridescente escorrer da boca de Samson. Reflete o sol de verão como um espelho de água, pintando-lhe um rio pelo pescoço abaixo e pela armadura dentro.

É esta a verdadeira divisão entre Prateados e Vermelhos: a cor do nosso sangue. Esta simples diferença de alguma forma torna-os mais fortes, mais inteligentes, *superiores* a nós.

Samson cospe, lançando um refulgir de sangue de prata através da arena. A dez metros de distância, Cantos cerra o punho sobre o cabo da espada, pronto a inutilizar Samson e pôr fim àquilo.

— Pobre tolo — resmungo em surdina. Ao que parece, Kilorn tem razão. *Nada mais que um saco de pancada*.

Cantos irrompe areia fora, espada ao alto, olhos em brasa. E logo estaca de rompante, a armadura chocalhando da paragem súbita. Do meio

da arena, o guerreiro em sangue aponta para Cantos, com um olhar de quebrar osso.

Samson estala os dedos e Cantos avança, em perfeita cadência com os movimentos de Samson. A boca descai-lhe, como que subitamente retardado ou estúpido. *Como se a mente se lhe apagasse.*

Não posso crer nos meus olhos.

Um silêncio mortal tomba sobre a arena ante os nossos olhos, e não entendemos a cena abaixo de nós. Até mesmo Kilorn nada tem para dizer.

— Um *whisper*⁵ — sopro em voz alta.

Nunca antes vi um na arena — duvido que alguém tenha visto. Os *whispers* são raros, perigosos, e poderosos, mesmo entre os Prateados, mesmo na *capital*. Os rumores a seu respeito variam, mas todos se resumem a algo simples e arrepiante: podem entrar-nos na cabeça, ler-nos os pensamentos e *controlar-nos a mente*. E é isto exatamente que Samson está a fazer, tendo sussurrado a Cantos para além de armadura e músculo, mesmo até ao seu cérebro, onde não há defesas.

Cantos levanta a espada, as mãos trementes. Está a tentar combater o poder de Samson. Mas forte como é, não tem como combater o inimigo na sua mente.

Outro jeito da mão de Samson e sangue de prata salpica a areia quando Cantos mergulha a espada na própria armadura, na carne do seu próprio estômago. Mesmo nos assentos cá de cima, consigo ouvir o repugnante esmagar de metal e trespassar de carne.

Às golfadas de sangue de Cantos, ecoam arquejos por toda a arena. Nunca antes vimos tanto sangue aqui.

Luzes azuis acendem-se, banhando o chão da arena com um brilho espectral, assinalando o fim do desafio. Curadores Prateados correm na areia, direitos a socorrer Cantos, caído por terra. Os Prateados não devem supostamente morrer aqui. Os Prateados devem supostamente lutar com bravura, fazer alarde das suas técnicas, encenar um bom espetáculo — mas não *morrer*. Afinal de contas, eles não são Vermelhos.

Os oficiais movem-se mais depressa do que eu alguma vez vi. Uns quantos são *swifts*, correndo de lá para cá numa mancha indistinta enquanto nos conduzem qual manada a sair. Não nos querem presentes se Cantos morrer na areia. Enquanto isso, Samson sai majestosamente da

⁵ Sussurro. (N. da T.)

arena qual titã. O seu olhar recai sobre o corpo de Cantos e conto que ele assumia uma expressão apologética. Em vez disso, o seu rosto mantém-se inexpressivo, destituído de emoção, e sobremaneira frio. O desafio nada foi para ele. *Nós nada somos para ele.*

Na escola, aprendemos sobre o mundo antes do nosso, sobre os anjos e deuses que viviam no céu, governando a terra com mão gentil e afetuosa. Há quem diga tratarem-se de meras histórias, mas eu não acredito nisso.

Os deuses governam-nos ainda. Desceram das estrelas. E deixaram de ser gentis.

CAPÍTULO DOIS



A nossa casa é pequena, mesmo para os padrões das Stilts, mas pelo menos temos vista. Antes de ser ferido, durante uma das suas licenças do exército, o papá construiu a casa bem alta para que pudéssemos ver além do rio. Mesmo através da névoa de verão, veem-se as manchas de terra que foram outrora florestas, agora decepadas e caídas no eterno esquecimento. Assemelham-se a uma doença, mas para norte e oeste, os montes intocados são um calmo lembrete. *Há tão mais algures para acolá.* Para além de nós, para além dos Prateados, para além de tudo o que conheço.

Trepo pela escada acima até casa, por sobre a madeira gasta e moldada às mãos que a sobem e descem cada dia. Desta altura consigo avistar uns quantos barcos navegando rio acima, arvorando orgulhosamente as suas coloridas bandeiras. *Prateados.* São os únicos suficientemente ricos para usar transporte privado. Conquanto desfrutem de transportes rodados, lanchas de passeio, até mesmo jatos aéreos de grande altitude, nós mais nada temos que os nossos dois pés, ou um velocípede a pedais se tivermos sorte.

Os barcos devem rumar a Summerton, a cidadezinha que viceja de vida em torno da residência de verão do rei. Gisa esteve lá hoje, a ajudar a costureira de quem é aprendiz. Vão amiúde ao mercado de lá vender as suas mercadorias aos mercadores e nobres Prateados que seguem quais patinhos a realza. O palácio propriamente dito é conhecido por

Mansão do Sol, e é supostamente uma maravilha, mas eu nunca o vi. Não sei porque tem a realeza uma segunda casa, especialmente dado ser o palácio da capital tão fino e lindo. Mas como todos os Prateados, eles não agem por necessidade. São movidos pelo desejo. E o que eles desejam, obtêm.

Antes de abrir a porta para o caos habitual, passo a mão pela bandeira que adeja no alpendre. Três estrelas vermelhas em tecido amarelado, uma por cada irmão, e com espaço para mais. *Espaço para mim*. A maior parte das casas tem bandeiras como estas, algumas com listas pretas no lugar de estrelas em silenciosa memória dos filhos mortos.

Lá dentro, a mamã sua sobre o fogão, mexendo uma panela de en-sopado que o meu pai fita mal-encarado da sua cadeira de rodas. Gisa borda sentada à mesa, fazendo algo lindo e requintado e completamente além da minha compreensão.

— Cheguei — digo a ninguém em particular. O papá responde com um aceno, a mamã um assentir de cabeça, e Gisa não levanta os olhos do seu retalho de seda.

Esvazio a minha bolsa de bens furtados junto dela, deixando que as moedas tilintem o mais possível. — Acho que obtive o suficiente para arranjar um bolo como deve ser para o aniversário do papá. E mais baterias, suficientes para este mês.

Gisa lança um olhar à bolsa, franzindo o sobrolho de desagrado. Tem apenas catorze anos, mas é cáustica para a idade. — Um dia hão de vir e levar tudo o que tens.

— A inveja não te fica bem, Gisa — censuro, dando-lhe uma palmadinha na cabeça. As mãos voam-lhe ao cabelo ruivo perfeito e lustroso, alisando-o para trás no seu meticuloso carrapito.

Sempre quis o cabelo dela, embora jamais lho dissesse. Enquanto o seu parece fogo, o meu é aquilo a que chamamos castanho de rio. Escuro na raiz, pálido nas pontas, já que a cor se nos esvai do cabelo com os nervos da vida nas Stilts. Quase todos o mantêm curto para esconder as pontas grisalhas, mas não eu. Apraz-me o lembrete de que até o meu cabelo sabe que a vida não deveria ser assim.

— Não tenho inveja — abespinha-se ela, voltando ao trabalho. Borda flores feitas de fogo, cada qual bela chama de linha contra seda negra retinta.

— Que lindo, Gee. — Delineio com a mão uma das flores, maravi-

lhando-me com o seu toque sedoso. Ela levanta os olhos e sorri de mansinho, mostrando dentes certinhos. Por muito que discutamos, ela sabe que é a minha pequena estrelinha.

E toda a gente sabe que a invejosa sou eu, Gisa. Nada mais posso fazer do que roubar pessoas que sabem fazer coisas a valer.

Assim que termine o seu aprendizado, ela estará apta a abrir a sua própria oficina. Virão Prateados de todo o lado para lhe pagarem a troco de lenços, bandeiras e roupa. Gisa conseguirá o que poucos Vermelhos alcançam e viverá bem. Sustentará os nossos pais e dar-me-á a mim e aos meus irmãos trabalhos menores para nos manter livres da guerra. Gisa irá salvar-nos um dia, com nada mais que agulha e linha.

— Noite e dia, minhas filhas — resmunga a mamã em surdina, passando um dedo pelo cabelo encanecido. Não o diz como insulto, mas como espinhosa verdade. Gisa é dotada, bonita e doce. Eu sou um pouco mais rude, como aponta gentilmente a mamã. A sombra da luz de Gisa. Suponho que as únicas coisas que temos em comum sejam os brincos partilhados, memória dos nossos irmãos.

O papá chia vindo do seu canto e bate com o punho no peito. É algo comum, já que ele só tem um pulmão verdadeiro. Afortunadamente a técnica de um paramédico Vermelho salvou-o, substituindo-lhe o malogrado pulmão por um dispositivo capaz de respirar por ele. Não foi uma invenção Prateada, já que eles não têm necessidade de tais coisas. Eles têm os curadores. Mas os curadores não perdem o seu tempo a salvar os Vermelhos, ou sequer a trabalhar nas linhas da frente mantendo soldados vivos. Na sua maioria permanecem nas cidades, prolongando as vidas de anciãos Prateados, remendando fígados destruídos pelo álcool e que tais. Pelo que nós somos forçados a manter um mercado clandestino de tecnologia e inventos para nos melhorarmos. Parte deles são tolices, alguns não funcionam — mas um pedaço de tilintante metal salvou a vida do meu pai. Oiço-o sempre a tiquetaquear, um ínfimo pulsar para manter o papá a respirar.

— Não quero bolo nenhum — resmunga ele. Não me escapa a sua olhadela ao seu ventre cada vez mais protuberante.

— Bem, diga-me então o que *quer*, papá? Um relógio novo ou...

— Mare, não considero *novo* algo que furtaste de um pulso alheio.

Antes que mais uma guerra estale na casa Barrow, a mamã tira o

ensopado do lume. — O jantar está servido. — Trá-lo para a mesa e os vapores envolvem-me.

— Cheira bem, mamã — mente Gisa. O papá não mostra tanto tato e faz uma careta à refeição.

Não me querendo dar por achada, forço-me a engolir uma colherada. Não está tão mau como de costume, para minha agradável surpresa. — Usou aquela pimenta que eu lhe trouxe?

Em vez de assentir e sorrir e me agradecer por reparar, ela cora e não responde. Sabe que a roubei, tal como todos os meus presentes.

Gisa revira os olhos por sobre a sopa, presentindo onde irá isto parar.

Seria de pensar que eu já estivesse acostumada por esta altura, mas a desaprovação deles consome-me.

Suspirando, a mamã baixa a cara nas mãos. — Mare, sabes que aprecio... apenas desejo...

Termino por ela. — Que eu seja como a Gisa?

A mamã abana a cabeça. Outra mentira. — Não, é claro que não. Não era isso que eu queria dizer.

— Certo. — Tenho a certeza que o meu azedume pode ser sentido no outro lado da aldeia. Dou o meu melhor para impedir a voz de me falhar. — É a única forma que tenho de ajudar antes de... antes de me ir embora.

A alusão à guerra é uma maneira rápida de silenciar a minha casa. Até o chiar do papá se cala. A mamã vira a cabeça, as faces enrubescendo-se-lhe de raiva. Debaixo da mesa, a mão de Gisa fecha-se em torno da minha.

— Sei que estás a fazer tudo o que podes, pelas razões certas — susurra a mamã. É uma coisa e tanto para ela dizê-lo, mas consola-me mesmo assim.

Mantenho a boca fechada e forço-me a assentir.

E então Gisa salta na cadeira, como se tivesse apanhado um choque. — Oh, quase me esqueci. Passei pelo correio no caminho de volta de Summerton. Havia uma carta de Shade.

É como uma bomba que explode. A mamã e o papá alvoroçam-se, deitando mão ao envelope encardido que Gisa tira da jaqueta. Deixo que o passem de mão em mão, examinando o papel. Nenhum deles sabe ler pelo que captam o que podem do papel em si.

O papá fareja a carta, tentando localizar o cheiro. — Pinheiro. Não fumo. Bom sinal. Está longe do Caldeirão.

Todos soltamos um suspiro de alívio ao ouvi-lo. O Caldeirão é a faixa de terra bombardeada que liga Nortá às Lakelands, onde é travada a maior parte da guerra. Os soldados passam ali muito do seu tempo, encolhendo-se em trincheiras, fadados a explodir ou fazendo ousadas investidas que terminam em massacres. O resto da fronteira é composta sobretudo por lagos, embora no confim setentrional se transforme em tundra demasiado fria e árida para nela se combater. O papá foi ferido no Caldeirão anos atrás, quando uma bomba atingiu a sua formação. Agora o Caldeirão está de tal maneira destruído por décadas de batalha, que o fumo das explosões é um nevoeiro constante e nada lá pode crescer. Está morto e pardacento, como o futuro da guerra.

Ele passa-me finalmente a carta para que a leia e abro-a com grande antecipação, simultaneamente ávida e receosa de ver o que terá Shade a dizer.

— *Zuerida família, estou vivo. Obviamente.*

Isto arranca uma risadinha a mim e ao papá, e mesmo um sorriso a Gisa. A mamã não fica tão divertida, embora Shade comece todas as cartas assim.

— *Fui desconvoado da frente, como o Sabujo Papá provavelmente adivinhou. Sabe bem, voltar ao acampamento principal. Por aqui está tudo Vermelho como a alvorada, mal se veem sequer os oficiais Prateados. E sem o fumo do Caldeirão, pode-se de facto ver o sol erguer-se mais forte a cada dia que passa. Mas não tardarei muito. O Comando planeia redestinar a formação para combate lacustre e fomos destacados para uma das novas naves de guerra. Conheci uma paramédica destacada da sua formação que disse ter conhecido Tramy e encontrar-se ele fino. Foi atingido por estilhaços ao retirar do Caldeirão, mas recuperou bem. Sem infeções nem danos permanentes.*

A mamã suspira alto, abanando a cabeça. — Sem danos permanentes — troça.

— *De Bree ainda nada mas não estou preocupado. Ele é o melhor de nós todos e está prestes a sair de licença por cinco anos. Estará em casa não tarda, mamã, por isso deixe-se de preocupações. Nada mais a reportar, pelo menos que possa escrever por carta. Gisa, não dês demasiado nas vistas embora o mereças. Mare, não sejas a mesma fedelha de sempre e deixa de desançar o miúdo Warren. Papá, sinto-me orgulhoso de si. Sempre. Amo-vos a todos. O vosso filho e irmão preferido. Shade.*

Como sempre, as palavras de Shade trespassam-nos. Quase consigo ouvir-lhe a voz se me esforçar o bastante. E então as luzes acima de nós começam subitamente a esmorecer.

— Ninguém usou as senhas de ração que eu trouxe ontem? — pergunto antes de as luzes se apagarem, mergulhando-nos na escuridão. À medida que os olhos se ajustam, consigo vislumbrar a mamã a abanar a cabeça.

Gisa geme. — Podemos não fazer isto outra vez? — A cadeira dela raspa no chão quando se levanta. — Vou para a cama. Tentem não gritar.

Mas nós não gritamos. Parece ser este o modo de estar do meu mundo — *demasiado cansado para discutir*. A mamã e o papá retiram-se para o seu quarto, deixando-me sozinha à mesa. Normalmente pisgar-me-ia, mas não encontro alento para fazer muito mais que ir dormir.

Trepo por outra escada acima para o sobrado, onde Gisa ressona já. É capaz de dormir como mais ninguém, apagando-se em coisa de um minuto, ao passo que eu levo por vezes horas. Aninho-me na minha enxerga, contente de simplesmente ali ficar deitada, agarrada à carta de Shade. Como disse o papá, tem um forte odor a pinheiro.

O rio soa bem esta noite, correndo por sobre as pedras da margem e embalando-me o sono. Até o velho frigorífico, uma enferrujada máquina a baterias que habitualmente de tanto roncar me faz doer a cabeça, não me perturba esta noite. Mas então um piar de pássaro interrompe o meu deslizar para o sono. *Kilorn*.

Não. Vai-te embora.

Outro piado, desta vez mais alto. Gisa agita-se ligeiramente, rodando na almofada.

Resmungando para comigo, odiando Kilorn, rolo da enxerga para fora e deslizo pela escada abaixo. Uma rapariga normal teria tropeçado no estendal de coisas na sala, mas eu tenho pé firme graças a anos de fuga aos oficiais. Desço a escada das estacas num segundo, aterrando mergulhada na lama até ao tornozelo. Kilorn está à espera, surgindo das sombras debaixo da casa.

— Espero que gastes de olhos negros pois não tenho problema em dar-te um por isto...

A visão do seu rosto faz-me calar.

Esteve a chorar. *Kilorn não chora*. Tem também os nós dos dedos a sangrar e aposto que alguma parede algures nas proximidades sofre igualmente de pancada. A despeito de mim, a despeito do adiantado da noite, não posso deixar de ficar ralada, mesmo assustada por ele.

— O que foi? O que se passa? — Sem pensar, tomo a sua mão na minha, sentindo o sangue sob os dedos. — O que aconteceu?

Ele leva um momento a responder, recompondo-se. Fico aterrorizada.

— O meu mestre... caiu. Morreu. Já não sou aprendiz.

Tento suster um arquejo, mas ele ecoa não obstante, insultuoso. Ainda que não tenha de o fazer, ainda que eu saiba o que ele está a tentar dizer, ele continua.

— Não tinha sequer acabado o aprendizado e agora... — Tropeça nas palavras. — Tenho dezoito anos. Os outros pescadores já têm aprendizes. Não tenho trabalho. Não consigo *arranjar* trabalho.

As palavras seguintes são como facas no meu coração. Kilorn inspira arquejante e de alguma forma desejo não ter de o ouvir.

— Vão mandar-me para a guerra.

CAPÍTULO TRÊS



Já se arrasta há praticamente cem anos. Acho que já nem devia chamar-se guerra, mas não existe palavra para esta forma mais elevada de destruição. Na escola disseram-nos que começou à conta da terra. As Lakelands são planas e férteis, bordejadas de lagos imensos plenos de peixe. Não como os montes rochosos e florestados de Norta, onde as terras de cultivo mal chegam para nos alimentar. Até os Prateados sentiram o aperto, pelo que o rei declarou guerra, mergulhando-nos num conflito que nenhum dos lados poderia de facto vencer.

O rei das Lakelands, outro Prateado, respondeu na mesma moeda, com o pleno apoio de toda a sua nobreza. Queriam os nossos rios, ter acesso a um mar que não estivesse congelado metade do ano, e aos moinhos de água dispersos pelos nossos rios. Os moinhos é que tornaram o nosso país forte, providenciando eletricidade bastante para que mesmo os Vermelhos possam ter alguma. Tenho ouvido rumores de cidades mais para sul, junto à capital, Archeon, onde Vermelhos tecnicamente dotados constroem máquinas além da minha compreensão. Para transporte por terra, água e céu, ou armas para fazer chover destruição onde quer que os Prateados possam precisar. O nosso professor disse-nos orgulhosamente que Norta era a luz do mundo, uma nação tornada grande pela nossa tecnologia e poder. Tudo o resto, como as Lakelands ou o Piemonte para sul, vive na escuridão. Tivemos sorte em nascer aqui. *Sorte.* A palavra dá-me ganas de gritar.

Mas não obstante a nossa eletricidade, o alimento dos Lakelanders, as nossas armas, os números deles, nenhum dos lados tem grande vantagem sobre o outro. Ambos têm oficiais Prateados e soldados Vermelhos, combatendo com aptidões e armas e o escudo de um milhar de corpos Vermelhos. Uma guerra que supostamente deveria ter acabado há menos de um século arrasta-se ainda. Sempre me pareceu engraçado que lutássemos por alimento e água. Até os todo-poderosos Prateados precisam de comer.

Mas já não é engraçado, agora que Kilorn irá ser a próxima pessoa a quem direi adeus. Pergunto-me se me dará um brinco, para que dele me possa lembrar quando o lustroso legionário o levar.

— Uma semana, Mare. Uma semana e lá vou eu. — A voz esganica-se-lhe, embora tussa a tentar encobri-lo. — Não posso fazer isto. Eles... eles não me hão de levar.

Mas eu bem vejo a luta que lhe transborda dos olhos.

— Deve haver alguma coisa que possamos fazer — digo da boca para fora.

— Não há nada que ninguém possa fazer. Ninguém escapou ao recrutamento e viveu.

Não precisa de mo dizer. Todos os anos, alguém tenta fugir. E todos os anos, são arrastados de volta para a praça da aldeia e enforcados.

— Não. Arranjaremos maneira.

Mesmo agora, ele arranja forças para me lançar um sorriso malandro. — *Arranjaremos?*

O fulgor acode-me às faces mais lesto que qualquer chama. — Estou tão fadada ao recrutamento como tu, mas também não me hão de apanhar. Por isso fuja.

O exército foi sempre o meu destino, o meu castigo, bem o sei. Mas não dele. Ele já sofreu de mais à sua custa.

— Não há lugar onde possamos ir — tartamudeia ele, mas pelo menos argumenta. Pelo menos não se rende. — Jamais sobreviveríamos ao Norte no inverno, a leste temos mar, a oeste mais guerra, o Sul está feito num inferno de radiação... e o espaço intermédio fervilha de Prateados e Segurança.

As palavras jorram de mim como um rio. — Também a aldeia fervilha. De Prateados e Segurança. E nós logramos roubar debaixo dos seus narizes e escapar ilesos. — A mente corre-me disparada, dando tudo

por tudo para encontrar algo, seja o que for, que tenha préstimo. E então atinge-me que nem um relâmpago. — O mercado negro, o que *nós* ajudamos a funcionar, contrabandeia tudo desde cereais a lâmpadas. Quem diz que não podem contrabandear gente?

A boca dele abre-se, prestes a verter um jorro de mil razões porque isto não resultará. Mas então sorri. E assente.

Não gosto de me meter em assuntos alheios. Não tenho tempo para isso. E contudo aqui estou eu, a ouvir-me dizer três fatídicas palavras:

— Deixa tudo comigo.

As coisas que não conseguimos vender aos lojistas habituais, temos de levar para Will Whistle. É velho, demasiado fraco para trabalhar nas serrações, pelo que varre as ruas durante o dia. À noite, vende tudo o que se poderia desejar na sua bolorenta carroça, desde por de mais limitado café a artigos exóticos de Archeon. Tinha eu nove anos e um punhado de botões roubados quando me aventurei com Will. Ele pagou-me três vinténs de cobre por eles, sem fazer qualquer pergunta. Agora sou a sua melhor cliente e provavelmente a razão por que logra manter-se à tona num tão pequeno lugarejo. Num dia bom poderia até chamar-lhe amigo. Foram precisos anos para eu descobrir que Will fazia parte de uma operação bem maior. Alguns chamam-lhe clandestinidade, outros mercado negro, mas tudo o que me interessa é o que podem eles fazer. Têm recetores, gente como Will, por todo o lado. Mesmo em Archeon, por impossível que pareça. Transportam produtos ilegais por todo o país. E agora estou a contar que talvez abram uma exceção e transportem uma pessoa em vez disso.

— Nem pensar.

Em oito anos, Will jamais me disse que não. Agora o velho tolo enghado está praticamente a bater-me com as portadas da sua carroça na cara. Congratulo-me de que Kilorn tenha ficado para trás, para que não tenha de me ver a deixá-lo ficar mal.

— Will, *por favor*. Sei que pode fazê-lo...

Ele abana a cabeça, a barba branca a menear. — Ainda que *pudesse*, sou um comerciante. As pessoas com quem trabalho não são do tipo de perder tempo e energia a movimentar fugitivos de lugar em lugar. Não é o nosso ofício.

Sinto a minha única esperança, a única esperança de Kilorn, a deslizar-me por entre os dedos.

Will deve ver o desespero nos meus olhos pois amansa, encostando-se à porta da carroça. Solta um suspiro e olha de relance lá para trás, para o escuro do interior. Um momento depois, dá meia-volta e acena-me para que entre. Sigo-o alegremente.

— Obrigada, Will — balbucio. — Não sabe o que isto significa para mim...

— Senta-te e cala-te, rapariga — diz uma voz aguda.

Emergindo das sombras da carroça, mal visível à luz difusa da única vela azul de Will, uma mulher levanta-se. Uma rapariga, deveria eu dizer, dado que nem mais velha que eu parece. Mas é bem mais alta, com o ar de uma antiga guerreira. A arma de fogo no seu quadril, presa numa faixa vermelha com sóis estampados, não é de todo autorizada. É demasiado loura e branca de tez para ser das Stilts, e a julgar pelo ligeiro suor no seu rosto, não está habituada ao calor ou humidade. É uma estrangeira, uma forasteira, e uma foragida na verdade. *Exatamente a pessoa que eu quero ver.*

Acena-me para o banco talhado na parede da carroça, e de novo se senta apenas depois de eu o fazer. Will segue logo atrás de nós e a modos que se deixa cair numa cadeira gasta, os olhos errantes entre a rapariga e eu.

— Mare Barrow, apresento-te Farley — murmura, e ela crispa o maxilar.

O seu olhar aterra-me no rosto. — Desejas transportar carga.

— Eu própria e um rapaz... — Mas ela levanta uma mão grande e calejada, interrompendo-me.

— *Carga* — diz de novo, os olhos plenos de significado. O coração pula-me no peito; esta rapariga Farley bem pode ser uma ajuda. — E qual é o destino?

Vasculho o cérebro, tentando pensar em algum lugar seguro. O velho mapa da sala de aula paira-me ante os olhos, delineando a costa e os rios, assinalando cidades e aldeias e tudo de permeio. Desde Harbor Bay a oeste das Lakelands, da tundra setentrional aos ermos infestados de radiação das Ruínas e do Estuário, é tudo terreno perigoso para nós.

— Algum lugar a salvo dos Prateados. É tudo.

Farley pestaneja para mim, a sua expressão impassível. — A salvação tem um preço, rapariga.

— Tudo tem um preço, *rapariga* — disparo de volta, imitando o seu tom. — Ninguém o sabe melhor que eu.

Um prolongado silêncio alastra na carroça. Sinto a noite a escoar-se, a roubar preciosos minutos a Kilorn. Farley deve pressentir o meu mal-estar e impaciência mas não se apressa a falar. Após o que parece uma eternidade, a sua boca abre-se finalmente.

— A Guarda Escarlate aceita, Mare Barrow.

Tenho de me dominar até mais não para não saltar de alegria do banco em que estou. Mas algo me retém, impedindo um sorriso de me rasgar o rosto.

— Conta-se com pagamento a pronto, no valor de um milhar de coroas — prossegue Farley.

Isto quase me arrebatava o ar dos pulmões. Até mesmo Will parece surpreendido, as suas farfalhudas sobancelhas brancas desaparecendo-lhe na raiz do cabelo. — Um *milhar*? — tento articular, sufocada. Ninguém lida com tão avultada quantia de dinheiro, não nas Stilts. Isso poderia alimentar a minha família por um ano. *Muitos anos*.

Mas Farley ainda não acabou. Tenho a sensação de que isto a diverte. — Pode ser pago em notas de papel, moedas tetrarca, ou o equivalente em mercadoria. Por peça, é claro.

Duas mil coroas. Uma fortuna. A nossa liberdade vale uma fortuna.

— A tua carga será levada depois de amanhã. Deverás pagar então.

Mal posso respirar. Menos de dois dias para acumular mais dinheiro do que roubei em toda a minha vida. *Não há hipótese*.

Ela nem sequer me dá tempo para protestar.

— Aceitas os termos?

— Preciso de mais tempo.

Ela abana a cabeça e inclina-se para diante. Sinto nela o cheiro a pólvora. — Aceitas os termos?

É impossível. É um disparate. É a nossa melhor *hipótese*.

— Aceito os termos.

Os momentos seguintes passam numa névoa indistinta enquanto me arrasto para casa através das sombras lamacentas. Tenho a mente em brasa, tentando descobrir maneira de deitar mão a algo que mal se aproxime sequer do preço de Farley. Nas Stilts nada há, isso é certo.

Kilorn aguarda ainda na escuridão, parecendo um rapazinho perdido. Suponho que o é.

— Más notícias? — diz, tentando manter a voz normal, mas tremendo-lhe seja como for.

— A resistência pode tirar-nos daqui para fora. — Por ele, mantenho-me calma enquanto lhe explico. Duas mil coroas bem podiam ser o trono real, mas eu faço-o parecer nada. — Se alguém pode fazê-lo, nós podemos. Nós *podemos*.

— Mare. — A voz dele soa fria, mais fria que o inverno, mas o vazio dos seus olhos é pior. — Acabou. Perdemos.

— Mas se ao menos...

Ele agarra-me os ombros, segurando-me à distância dos braços nas suas mãos firmes. Não me magoa mas choca-me todavia. — Não me faças isto, Mare. Não me faças crer que há forma de sair disto. Não me dêes esperança.

Ele tem razão. É cruel dar esperança onde não há nenhuma. Apenas redundante em desapontamento, ressentimento, fúria; todas as coisas que tornam a vida mais difícil do que já é.

— Deixa-me simplesmente aceitá-lo. Talvez... talvez então consiga de facto pôr a cabeça em ordem, treinar-me devidamente, dar a mim mesmo a oportunidade de lutar na guerra.

As minhas mãos encontram os seus pulsos e agarro-me com força a eles. — Falas como se já estivesses morto.

— Talvez esteja.

— Os meus irmãos...

— O teu pai assegurou-se de que eles saberiam o que faziam muito antes de partirem. E é uma ajuda que sejam todos grandes como elefantes. — Força um sorriso malandro, tentando fazer-me rir. Não resulta. — Sou um bom nadador e marinheiro. Precisarão de mim nos lagos.

Só quando ele me envolve nos seus braços, abraçando-me, me apercebo de que estou a tremer. — Kilorn... — murmuro-lhe contra o peito. Mas as demais palavras não saem. *Deveria ser eu*. Mas o meu tempo aproxima-se a passos largos. Apenas posso esperar que Kilorn sobreviva o tempo suficiente para que eu o veja de novo, no quartel ou numa trincheira. Talvez então encontre as palavras certas para dizer. Talvez então eu própria entenda como me sinto.

— Obrigada, Mare. Por tudo. — Afasta-se, largando-me com demasiada presteza. — Se poupare, terás o bastante quando a legião te vier buscar.

Por ele, assinto. Mas não faço planos de o deixar lutar e morrer só.

Quando finalmente me deito na minha enxerga, sei que não dormirei esta noite. Alguma coisa haverá que eu possa fazer, e ainda que me leve toda a noite, irei descobri-la.

Gisa tosse no sono, um som diminuto e cortês. Mesmo inconsciente, logra parecer-se com uma senhora. Não admira que se adapte tão bem aos Prateados. É tudo o que eles gostam num Vermelho: silenciosa, contente e modesta. Ainda bem que é ela que tem de lidar com eles, ajudando os tolos sobre-humanos a escolher seda e tecidos finos para vestimentas que usarão apenas uma vez. Diz ela que nos acostumamos, à quantidade de dinheiro que eles gastam em coisas tão comezinhas. E no Grande Jardim, a praça do mercado de Summerton, o dinheiro é multiplicado por dez. Juntamente com a sua patroa, Gisa cose renda, seda, peles, pedras preciosas até, para criar arte em forma de trajes para a elite Prateada que parece seguir a realeza para todo o lado. A parada, chama-lhes ela, uma interminável marcha de empertigados pavões, cada qual mais orgulhoso e ridículo que o outro. Todos Prateados, todos patetas e todos obcecados por estatuto.

Esta noite odeio-os ainda mais que de costume. As meias por eles perdidas seriam provavelmente suficientes para me salvar a mim, a Kilorn, e a metade da população das Stilts do recrutamento.

Pela segunda vez esta noite, faz-se luz em mim.

— Gisa. Acorda. — Não sussurro. A rapariga dorme o sono dos mortos. — *Gisa*.

Ela mexe-se e geme na almofada. — Às vezes só te quero matar — resmunga.

— Que doçura. Agora *acorda!*

Os seus olhos estão ainda fechados quando invisto, aterrando em cima dela qual felino gigante. Antes que ela desate a gritar e lamuriar-se e faça a minha mãe acudir, tapo-lhe a boca com a mão. — Escuta-me simplesmente, é só. Não fales, escuta apenas.

Ela pragueja contra a minha mão, mas assente não obstante.

— Kilorn...

A pele dela fica vermelha-escura à menção dele. Solta mesmo uma

risadinha, algo que nunca faz. Mas eu não tenho tempo para a sua paixoneta de colegial, não agora.

— Para com isso, Gisa. — Inspiro tremulamente. — Kilorn vai ser recrutado.

E lá se vai o riso dela. O recrutamento não é brincadeira nenhuma, não para nós.

— Encontrei uma maneira de o tirar daqui para fora, de o salvar da guerra, mas preciso da tua ajuda para o fazer. — Dói-me dizê-lo, mas de alguma forma as palavras saem-me dos lábios. — Preciso de ti, Gisa. Ajudas-me?

Ela não hesita em responder e sinto uma enorme onda de amor pela minha irmã.

— Sim.

É uma coisa boa eu ser baixa, ou o uniforme suplementar de Gisa jamais me serviria. É espesso e escuro, de todo adequado ao sol de verão, com botões e fechos de correr que parecem assar ao calor. O fardo que tenho às costas dá de si, quase me derrubando com o peso de roupa e ferramentas de costura. Gisa tem o seu próprio fardo e constritivo uniforme, mas não parecem incomodá-la de todo. Está acostumada a trabalho duro e a uma vida dura.

Navegamos a maior parte da distância rio acima, comprimidas entre alqueires de trigo na barcaça de um benevolente agricultor com quem Gisa fez amizade há anos. As pessoas por aqui confiam nela, como não poderão nunca confiar em mim. O agricultor larga-nos a um quilómetro e meio do destino, junto ao trilho serpenteante de mercadores que se dirigem para Summerton. Agora avançamos morosamente entre eles, direitas ao que Gisa chama a Porta do Jardim, conquanto não haja jardins à vista. É de facto um portão feito de vidro resplandecente que nos ofusca antes de termos sequer oportunidade de o transpor. A restante muralha parece ser feita da mesma coisa, mas eu não posso crer que o rei Prateado fosse suficientemente estúpido para se esconder atrás de muralhas de vidro.

— Não é vidro — diz-me Gisa. — Ou não inteiramente, pelo menos. Os Prateados descobriram maneira de aquecer diamantes e misturá-los com outros materiais. É completamente inexpugnável. Nem mesmo uma bomba o pode trespassar.

Muros de diamante.

— Parece necessário.

— Mantém a cabeça baixa. Deixa-me ser eu a falar — sussurra ela.

Mantenho-me colada a ela, os meus olhos na estrada que passa de asfalto negro rachado a pavimento branco empedrado. É tão liso que quase escorrego mas Gisa agarra-me o braço, sustendo-me. Kilorn não teria problemas em andar aqui, com as suas pernas de marinheiro. Mas a verdade é que Kilorn nunca aqui estaria. Já desistiu. *Eu não o farei.*

À medida que nos aproximamos do portão, semicerro os olhos além do brilho para ver para o outro lado. Conquanto Summerton só tenha vida sazonal, abandonada que é antes das primeiras geadas, é a maior cidade que alguma vez vi. Há ruas fervilhantes, lojas, bares-tascas, casas e pátios, todos eles orientados para uma cintilante monstruosidade de vidro de diamante e mármore. E sei agora de onde vem o seu nome. A Mansão do Sol brilha como uma estrela, elevando-se a trinta metros no ar numa massa retorcida de pináculos e pontes. Partes dela escurecem aparentemente à discrição, para dar aos ocupantes privacidade. Não se pode deixar que os camponeses olhem para o rei e a sua corte. É arrebatador, intimidante, magnífico... e é apenas a casa de *verão*.

— Nomes — ladra uma voz áspera, e Gisa estaca.

— Gisa Barrow. Esta é a minha irmã, Mare Barrow. Vem ajudar-me a trazer umas mercadorias para a minha patroa. — Não se encolhe, mantendo a voz firme, quase enfadada. O oficial de Segurança assente para mim e eu ajeito o meu fardo, fazendo-o bem notado. Gisa entrega os nossos cartões de identificação, ambos amassados e encardidos quase a desfazerem-se, mas são quanto basta.

O homem que nos examina deve conhecer a minha irmã pois mal olha para a sua identificação. A minha é bem escrutinada, comparando-me a cara com a fotografia por um bom minuto. Interrogo-me se ele será um *whisper* também, capaz de me ler a mente. O que muito rapidamente poria fim a esta pequena excursão e provavelmente me valeria um nó corredio em torno do pescoço.

— Pulsos — suspira ele, já farto de nós.

Por um momento fico baralhada, mas Gisa estende a mão direita sem hesitar. Imito-lhe o gesto, apontando o braço ao oficial. Ele coloca-nos um par de bandas vermelhas em torno dos pulsos. Os círculos

encolhem até ficarem justos como algemas — é impossível removermos nós próprias tais coisas.

— Avancem — diz o oficial, acenando com um indolente gesto de mão. Duas jovens não são uma ameaça aos seus olhos.

Gisa assente num agradecimento mas não eu. Este homem não merece um grama de apreciação minha. Os portões escancaram-se à nossa volta e marchamos em frente. O coração martela-me nos ouvidos, abafando os sons do Grande Jardim ao darmos entrada num mundo diferente.

É um mercado como eu nunca vi, salpicado de flores, árvores e fontes. Os Vermelhos são poucos e rápidos, cumprindo tarefas e vendendo as suas mercadorias, todos marcados pelas suas bandas vermelhas. Embora os Prateados não usem bandas, são fáceis de identificar. Transbordam de joias e metais preciosos, uma fortuna em cada um deles. Um deslizar de um fecho e posso ir para casa com tudo de que alguma vez precisarei. Todos eles são altos, belos e frios, movendo-se com uma graça lenta que nenhum Vermelho pode clamar. Nós simplesmente não temos tempo para nos movermos assim.

Gisa conduz-me para lá de uma padaria com bolos polvilhados de ouro, uma mercearia exibindo brilhantes frutos coloridos que eu nunca antes vi, e até um recinto cheio de animais selvagens que ultrapassam a minha compreensão. Uma menina, Prateada a julgar pela vestimenta, dá pedacinhos de maçã a comer a uma criatura malhada semelhante a um cavalo com um pescoço inauditamente longo. Um ruas mais além, uma joalharia cintila com cada cor do arco-íris. Tomo nota dela mas manter a cabeça direita aqui é difícil. O ar parece pulsar, vibrante de vida.

Precisamente quando penso que não poderia haver lugar mais fantástico que este, olho mais atentamente para os Prateados e lembro-me de quem são exatamente. A menina é uma *telky*, fazendo levantar a maçã a três metros de altura para alimentar o animal de longo pescoço. Um florista passa as mãos por um vaso de flores brancas e elas crescem numa explosão, enrolando-se-lhe em torno dos cotovelos. É um *greeny*, um manipulador de plantas e da terra. Um par de *nymphs* senta-se junto da fonte, entretendo indolentemente crianças com globos de água flutuantes. Um deles tem cabelo cor de laranja e olhos odiosos, mesmo rodeado como está de miúdos. Por toda a praça, cada espécie de Prateado toca

para a frente a sua extraordinária vida. São tantos, todos grandiosos, maravilhosos e poderosos e tão remotos do mundo que conheço.

— Assim vive a outra metade — murmura Gisa, presentindo o meu assombro. — É de nos deixar doentes.

Sou trespassada de culpa. Sempre tive inveja de Gisa, do seu talento e de todos os privilégios que ele lhe concede, mas nunca pensei no seu custo. Ela não passou grande tempo na escola e tem poucos amigos nas Stilts. Se Gisa fosse normal, teria muitos. Sorriria. Em vez disso, a rapariga de catorze anos serve qual soldado por entre agulhas e linha, arcando com o futuro da sua família às costas, vivendo atolada até ao pescoço num mundo que odeia.

— Obrigada, Gee — sussurro-lhe ao ouvido. Ela sabe que eu não me refiro apenas ao dia de hoje.

— A loja de Salla é aquela, com o toldo azul. — Aponta para uma rua lateral, para uma diminuta loja entalada entre um par de cafés. — Estarei lá dentro, se precisares de mim.

— Não precisarei — respondo rapidamente. — Mesmo que as coisas corram mal, não te envolverei.

— Bom. — Ela agarra-me então a mão, apertando com força por um segundo. — Tem cuidado. Hoje está uma multidão de gente, mais do que de costume.

— Mais sítios para me esconder — digo-lhe com um sorriso malandro.

Mas a sua voz é grave. — E mais oficiais também.

Continuamos a andar, cada passo levando-nos mais perto do preciso momento em que ela me deixará sozinha neste estranho lugar. Sou percorrida por um frémito de pânico quando Gisa me tira gentilmente o fardo dos ombros. Chegámos à sua loja.

Para me acalmar, desfilo em surdina. — Não falo com ninguém, não estabeleço contacto ocular. Mantenho-me em movimento. Saio por onde entrei, pela Porta do Jardim. O oficial tira-me a banda e eu sigo caminho. — Ela assente à medida que falo, os olhos arregalados, cautos e porventura mesmo esperançosos. — São quinze quilómetros até casa.

— Quinze quilómetros até casa — ecoa ela.

Desejando mais que tudo poder ir com ela, vejo Gisa desaparecer sob o toldo azul. Ela trouxe-me até aqui. Agora é a minha vez.